

TURISMO DE LISBOA APOIA VINHOS DE LISBOA NA ALEMANHA

A Comissão Vitivinícola da Região de Lisboa participou na Prowein 2012, a maior feira mundial de vinhos, que se realizou na Alemanha, no início de Março.

Sinónimo do interesse suscitado pelo mercado alemão e da aposta no aumento das exportações para a Alemanha, a presença portuguesa nesta feira incluiu, no total, 15 empresas produtoras de vinho da Região de Lisboa.

Entretanto, e com o objectivo de promover a região de Lisboa, realizaram-se, ao longo do evento, provas de vinhos que habilitavam os visitantes a ganhar uma viagem a Lisboa, com estada para duas pessoas, incluindo visitas organizadas a quintas e a vinhas da Região.

A vencedora foi uma norueguesa. Esta ação contou com o apoio do Turismo de Lisboa.

A edição deste ano da Prowein contou com a participação de 3.635 expositores de mais de 50 países e 40 mil visitantes profissionais.



Nuno Ferreira

Autor do livro "Portugal a Pé" (edição Vertimag)

A pé por Lisboa

A pé Lisboa tem mais encanto. De há uns tempos a esta parte, ganhei uma verdadeira paixão por atravessar a caminhar planícies douradas, serras alcantiladas, pedaços esquecidos do território nacional, em busca do sonho, do verdadeiro, do genuíno, mesmo que o Portugal profundo seja uma miragem, uma imagem desfocada e inatingível. Quando cheguei a Lisboa com 18 anos e praticamente de mala de cartão, lembro-me agora, fiz exactamente o mesmo. Palmilhei a cidade branca da Madragoa à Bica e da Bica à Penha de França numa ânsia de descoberta e de liberdade muito semelhantes à que mais tarde viria a levar-me por aí, pelos quatro cantos do país.

Cada nova taberna, cada novo beiral, cada novo bairro, cada nova linha de eléctrico, cada novo miradouro encontrado era para mim motivo de grande júbilo. "Descobri" a Senhora do Monte ou o miradouro da Graça ou o miradouro de Santa Catarina a pé e sem planeamento antecipado.

Ao fim de uma caminhada Camões acima e depois de uns quantos lençóis a secar e umas quantas ruelas e escadarias e empedrados, o Tejo sulcado por cacilheiros em vaivém entre as margens surgia como uma oferenda.

Quando nos anos 90 decidi escrever uma reportagem sobre as últimas tabernas de Lisboa, parti de Marvila e durante vários os dias desci e subi as colinas, espreitando em cada viela esconsa e perscrutando cada bairro antigo com a dedicação de um espeleologista.

A cidade velha, castiça e nobre nos afectos, oferece-se num dedo de conversa ou em redor de um dedal de ginja ao fim de umas horas de calçada à portuguesa. Calcorrear a cidade branca num dia lavado de primavera, atingir a vista sobre o Mar da Palha no Castelo de São Jorge ou sobre o bulício da Praça da Figueira na calmaria quase provinciana da Senhora do Monte é mais que dedicação, é um prazer, uma paixão. Anda-se a pé em Lisboa como se anda numa casa antiga, em visita respeitosa às vetustas assoalhadas carregadas de memória e passado. Sempre que, ao fim de uma viagem a pé por um recanto perdido do país regresso a Lisboa, lembro que foi aqui, por entre becos e ruelas e ladeiras a lavar os olhos no Tejo que comecei a perder-me e a gostar de caminhar.